

O teatro na República de Weimar: tradução e apontamentos sobre *Hoppla, estamos vivos!*, de Ernst Toller

Theatre in the Weimar Republic: Translation and Notes on Hoppla, We're Alive! by Ernst Toller

Alexandre Villibor Flory

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná / Brasil

alexandre_flory@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-3435-458X>

Resumo: A peça *Hoppla, estamos vivos!*, escrita por Ernst Toller e encenada por Erwin Piscator em 1927, é um dos capítulos fundamentais do teatro político. Escrita e encenada durante os assim chamados “anos dourados” (1924-1929) da República de Weimar, a peça faz um balanço crítico muito acurado das tensões e contradições que se projetam sobre 1927, sempre perspectivado a partir da revolução alemã, em 1919. Piscator não apenas encena, mas contribui com a dramaturgia, o que também ganha importância no seu contexto de produção. A peça conseguiu a proeza de ser mal avaliada pela esquerda (que a considerou derrotista), pela direita (que a apostrofou comunista) e dos críticos teatrais (que viram no abandono do expressionismo um suposto recuo estético). Nesse artigo, procuramos fazer alguns apontamentos sobre a peça (com o intuito de mostrar sua potência), bem como apresentamos uma parte da nossa tradução, que será publicada integralmente em breve.

Palavras-chave: *Hoppla, estamos vivos!*; Ernst Toller; teatro político; teatro épico-dialético; teatro alemão.

Abstract: The play *Hoppla, We're Alive!*, written by Ernst Toller and first performed with the direction of Erwin Piscator in 1927, is a fundamental chapter of political theatre. Written and performed during the so-called “golden years” (1924-1929) of the Weimar Republic, the play makes a very accurate critical balance of the tensions and contradictions that are projected onto 1927, always seen from the perspective of the German revolution in 1919. Piscator not only directs but contributes with the dramaturgy, which also gains importance in its production context. Amazingly enough, the play succeeded in being badly evaluated by the left (who considered it defeatist), by the right (who branded it communist) and by theatre critics (who saw the abandonment of expressionism as a purported aesthetic step backwards). In this article, we try to make some considerations about the play in order to show its strength. We also present part of our translation of the play, to be published soon.

Keywords: *Hoppla, We're Alive!*; Ernst Toller; political theatre; epic-dialectical theatre; German theatre.

Introdução

Pouco traduzido e conhecido no Brasil, o político, crítico e dramaturgo Ernst Toller é um dos autores centrais do expressionismo alemão no teatro, a rigor o que Williams (2011) chama de expressionismo social em seu ensaio “O teatro como fórum político”. No Brasil, foram publicadas as peças *Masse-Mensch* e *Die Maschinenstürmer* (*Os homens e a massa* e *Os maquinoclastas*), pela editora Paz e Terra, em 1983. A primeira foi traduzida por Cora Rónai, e a segunda por Tania Bernkopf e Birgit Braatz. Também foi publicada a tradução de *Eine Jugend in Deutschland* (*Uma juventude na Alemanha*), realizada por Ricardo Ploch, pela Editora Madalena, em 2015. Há uma tradução de *Masse-Mensch* organizada pelo Instituto Goethe, realizada por Tania M. Bernkopf e Betty M. Kunz, com o título *Massa-homem*, mas que não foi posta no mercado, apenas colocada à disposição para leitura em algumas bibliotecas do Instituto Goethe e de algumas universidades. Os textos publicados em português sobre Toller são também muito exíguos, o que não assusta tendo em vista o limitado número de obras traduzidas.

Isso é muito pouco para sua importância para a história, teoria e crítica do teatro ocidental. Toller escreveu mais de quatorze peças, duas obras autobiográficas, discursos políticos, poesias líricas, contos, entre outros materiais. Em 1978 vem a público sua obra completa (*Gesammelte Werke*), pela editora Hanser, em 5 volumes. Em 2014 foi publicada uma edição crítica (*Sämtliche Werke. Kritische Ausgabe*), também em 5 volumes, pela editora Wallstein. A encenação de *Hoppla, estamos vivos!*, ocorrida em 1927, é histórica pela perspectiva épica-dialética própria da peça e explicitada pela cena de Piscator¹. Importa ainda anotar a influência de Piscator no teatro brasileiro a partir da década de 1960. Em seu *Teatro político* (de 1963, versão em português de 1968), Piscator (1968) comenta a referida encenação, que torna acessível sua recepção no Brasil sem que, no

¹ Jhering (1987) chega mesmo a defender que o texto se aproximaria do drama subjetivista, sendo atravessado pela perspectiva épica pela cena de Piscator: suas projeções, sua cenografia, a música encomendada por ele. Como veremos mais adiante, é uma avaliação do texto muito questionável, pois a dialética da peça exige uma leitura mais complexa da mesma, mas isso é assunto para outro momento.

entanto, se tenha contato com a dramaturgia de Toller – o que seria mesmo cômico, não fosse trágico, para nossa recepção crítica.

Esse artigo apresenta a tradução do “Prólogo” e parte do 1º ato da peça *Hoppla, estamos vivos!*, de Ernst Toller, escrita e encenada em 1927, sob direção de Erwin Piscator, inaugurando o seu teatro na Nollendorplatz (Piscator-Bühne), bem como anotações sobre o contexto e a estrutura da peça, necessárias para se compreender a importância e o lugar desta peça no contexto da República de Weimar, na Alemanha, e para a história do teatro político em geral. O projeto de tradução completa da versão em 5 atos da peça e sua publicação está em processo de finalização. Há uma outra versão da peça, também encenada em 1927, em quatro atos, e bem diferente da encenada por Piscator (Leydecker, 1998, p. 122), a tal ponto que a edição crítica de 2014 decidiu por publicar as duas, integralmente, em sequência (Kesties *et al*, 2015, p. 657). Esta versão, no entanto, ficou restrita a poucos exemplares de trabalho, tendo sido publicada apenas recentemente. No entanto, não é devido à história de sua publicação que nós decidimos pela versão em 5 atos: interessa dar a conhecer no Brasil a versão encenada por Piscator, e que teve participação direta dele², o que é unanimidade na crítica como atestado por Jhering (1987) e Hermand (1981), além de registrado pelo próprio Piscator (1968).

O contexto da época também é fundamental para a peça, atuando como princípio construtivo. Estamos no que se convencionou chamar de “goldener Zwanzig”, os anos 1920 dourados, uma parte do período chamado República de Weimar (1918-1933). A República de Weimar tem uma primeira parte marcada por revoluções (1918-1923), seguido pelos “anos 1920 dourados” (1924-1929), até a crise de 1929, ascensão do nazismo, nomeação de Hitler como primeiro-ministro pelo presidente Hindenburg, em 1933 – e o consequente fim da República de Weimar. Sendo a peça de 1927, ela não conhece o período pós-1929. Esse contexto histórico é trazido para dentro da peça, por remissões quase diretas, seja pela perspectiva de alguns personagens, pelo seu discurso, pelas circunstâncias. Além disso, há um tensionamento constante entre 1919 e 1927, dois momentos diferentes que irrompem na peça. Os “anos dourados” somente por engano podem

² Essa encenação foi objeto de estudo de Cibele Forjaz Simões em sua tese de doutorado *À luz da linguagem – iluminação cênica: de instrumento da visibilidade à “Scriptura do Visível”*. Cf. SIMÕES, 2013.

ser vistos como um período de estabilidade, crescimento e superação das tensões dos anos anteriores.

As reparações de guerra foram reduzidas. [...] A Alemanha foi aceita em 1926 na Liga das Nações. O marco (desde 1923) se consolida [...] Mas esse quadro engana. Após a morte de Friedrich Ebert o Marechal de Campo Paul von Hindenburg foi eleito presidente, em 1925; conservador extremado, de corpo e alma militar prussiano, ele havia articulado em 1919 a “Lenda da punhalada pelas costas”, que terá profundas consequências: o exército alemão não teria sido vencido pelos inimigos, mas sim pela “traição revolucionária” vinda de casa e que atacou pelas costas (Rötzer, 2000, p. 335, tradução nossa)³.

Esse quadro complexo será o lugar no qual a peça de Toller se desenvolverá, mas não só: Toller (e Piscator) pretendem trazer para primeiro plano as contradições que atravessam todo o período da República de Weimar até então – que se estende de 1919 a 1927.

Notas sobre teatro dialético em *Hoppla, estamos vivos!*

A peça parece seguir uma estrutura dramática: em 1919, cinco amigos revolucionários, presos, serão executados. Enquanto esperam a efetivação da sentença já se marca o lugar social e político de cada um deles, bem como suas motivações e inclinações. Após dez dias de expectativas, no último momento, vem a clemência. Um deles, Karl Thomas, perde a razão ao saber do perdão, sendo levado a um manicômio, enquanto o social-democrata Kilman é imediatamente posto em liberdade. Os demais têm a pena comutada em prisão. Esse é o contexto do “Prólogo”: após isso, por imagens projetadas, acompanhamos um salto de 1919 para 1927 – uma contribuição de Piscator para a peça.

³ “Die Reparationszahlungen wurden reduziert. [...] Deutschland wurde 1926 in de Völkerbund aufgenommen. Die Rentenmark (seit 1923) wurde zu einer soliden Währung [...] Aber das äussere Bild trog. Nach dem Tod Friedrich Eberts war Generalfeldmarschall Paul von Hindenburg 1925 zum Reichspräsidenten gewählt worden; erzkonservativ, durch und durch preussischer Militär, artikuliert er schon 1919 die verhängnisvolle ‚Dolchstosslegende‘: Die deutsche Armee sei nicht von ihren Gegner besiegt, sondern durch ‚revolutionäre Zermürbung‘ aus der Heimat von hinten erdolcht worden”.

O 1º ato começa com a alta de Karl Thomas do manicômio: oito anos haviam passado. Mas, para ele, é como se nada tivesse mudado: seu ímpeto revolucionário permanece o mesmo, e 1927 se confunde com 1919. Ele vai atrás dos amigos: Kilman se tornou ministro, Eva Berg atua como representante sindical, Frau Meller trabalha em um restaurante, Albert Kroll é operário engajado. No encontro de Thomas com cada um deles, compreende que ou mudaram de lado (Kilman) ou se adaptaram aos tempos, esperando um momento propício para voos maiores – postura que Thomas não aceita. Ele acaba se envolvendo no assassinato de Kilman (embora não o tenha cometido) e vai preso, bem como seus amigos. Na prisão, ele se suicida, pouco antes de receberem a notícia de que seriam soltos: o verdadeiro assassino fora preso – um estudante ligado a extrema-direita.

Essa suma dramática, no entanto, não está à altura da força e profundidade do texto dramático (e da cena). Esses personagens acima apresentados operam antes como tipos do que como indivíduos; além deles, há quase 50 personagens que atravessam o palco, além de projeções do povo nas ruas, dando expressão à conjuntura conturbada daqueles tempos, deixando para segundo plano conflitos individuais – que terminam em aberto, por sinal, apesar do assassinato de Kilman e do suicídio de Thomas. O número de personagens tem relação com uma mudança qualitativa, e não apenas quantitativa. Há muitos personagens em circunstâncias que fazem remissão, quase sem mediação, à vida social da época: a força do militarismo alemão, a atuação da aristocracia, o poder da burocracia (que adere à extrema-direita, contra a esquerda), o lugar da mulher na sociedade de então (que muda radicalmente na época, podendo votar e ditando modas), a ascensão do nazismo (antevista, pois efetivamente isso se dará a partir de 1929), o antissemitismo, o adesismo do homem do interior, entre outros. Deste modo, as tensões de um tempo convulsionado irrompem na peça, pressionando e negando qualquer perspectiva dramática autorreferente. Não são meras remissões ao contexto histórico, mas uma multidão de citações que acabam assomando a primeiro plano da configuração.

Esse é um primeiro modo de implosão do núcleo dramático da peça. Um segundo modo se liga ao fato de que a peça é erigida como uma montagem da conjuntura política, social e artística (Kreitner, 2005). O caráter desta colagem marca formalmente a obra, pois não esconde ser uma construção, com instâncias narrativas operando explicitamente,

privilegiando o choque. Para esse efeito contribuem os vários interlúdios filmicos, bem como a canção que dá título à peça, *Hoppla, estamos vivos!*, composta por Walter Mehring a pedido de Erwin Piscator, para evidenciar o caráter dialético da composição – seja pelo texto da canção, seja pela sua função em relação à diegese, seja pelo fato de Toller tê-la escolhido como título da peça. A canção não está limitada à visão de qualquer dos personagens, antes remete, em negativo, pela ironia, à suposta felicidade deste momento da vida alemã. A colagem atua de tal modo que alguns críticos a aproximam a um drama de estações de aprendizagem (Bigeard, 2017, p. 319), enquanto outros percebem a estrutura fragmentada de uma revista de cabaré, a começar pelo título da peça (Kändler, 1981, p. 99). Sendo assim, a remissão quase direta à vida social alemã não é feita de modo a borrar os limites entre arte e sociedade, pelo contrário: a interrupção brusca da sequência de cenas, sua fragmentação ostensiva, com passagens ora justapostas, ora alternadas, aponta para sua dimensão estética, que joga para os leitores/espectadores a tarefa de construir sentidos, resultando num teatro dialético de alta voltagem (Hermand, 1981, p. 166). Como se vê, a frágil estrutura dramática é construída como um ponto de apoio para sua desmontagem e para a exposição deste processo, sobretudo de seu enunciado formal – lembrando que essa desconstrução não se dá no vazio metafísico de uma arte autocentrada, mas profundamente ancorada na matéria social e suas contradições.

Numa palavra, a peça constrói situações complexas em que os personagens estão inseridos. Embora a dimensão individual não seja indiferente à dinâmica posta em jogo, os personagens se configuram como tipos, até mesmo por força das questões acima apresentadas, em torno de uma fábula marcada pela interrupção do andamento, por refluxos críticos pronunciados. A determinada altura, por exemplo, Karl Thomas se encontra com um casal de irmãos pré-adolescentes, que o interpelam a respeito de sua participação ativa na revolução alemã. Thomas pergunta aos jovens como a escola trata a guerra e a revolução alemã, eventos tão recentes quanto inescapáveis. A resposta é esclarecedora: de modo distanciado, os alunos decoram listas sobre os locais das batalhas, o número de mortos, o dia em que elas aconteceram. Sobre a Guerra dos trinta anos, segundo eles, tiveram que decorar metade do número de batalhas do que na Guerra mundial. E Grete arremata: “E olha que a guerra mundial durou apenas

quatro anos” (Toller, 2014, p. 116, tradução nossa)⁴. O sentido da guerra, a sua irracionalidade, ou qualquer aprendizado humano sobre ela, é bloqueado por uma concepção de tempo que o vê como mero preenchimento vazio pela seriação cronológica, como diz Benjamin (1987) sobre o historicismo. Em lugar de qualquer postura reflexiva, uma massa amorfa atravessada pelo fetiche do acúmulo como fim em si mesmo. Estamos no polo oposto da tarefa do materialismo histórico de Benjamin. Perguntados por um atônito Karl Thomas se nada mais sabem da guerra do que esses números enfileirados, ouve Fritz sentenciar: “É o suficiente para nós” (Toller, 2014, p. 116, tradução nossa)⁵. Sobre a revolução, dizem, é mais fácil: não precisaram decorar quase nada – mais do que uma distorção discursiva, nesse caso, opera o frio e seco apagamento. Karl Thomas precisa concluir: “O que significam o sofrimento e o conhecimento de milhões, se a próxima geração está surda para eles? Toda a experiência vai para o abismo” (Toller, 2014, p. 116, tradução nossa)⁶.

Em termos de assunto essa passagem é sumária, curta e direta. Em termos formais, são fragmentos como esse que vão construindo a teia de sentidos que faíscam entre tempos e contextos diversos, mas articulados (1919 e 1927), de tal modo que 1927 já se configura como um prenúncio da ascensão do nazismo. Engana-se quem pensa que essa forma solta, em meio a muitos outros registros, sem ligação com a fábula, perca força por isso: pelo contrário, a forma é construída, justamente, para dar relevo a situações recortadas como essa, que formam constelações a exigir a participação dos leitores/espectadores para a construção de um processo dialético, tanto para a história social quanto para a construção estética. A fábula funciona como uma âncora dialética negativa, que deve ser posta para que seja contraposta e superada. Tomá-la como ponto decisivo da análise, como feito pela crítica alemã sua contemporânea, de modo geral, tanto à direita quanto à esquerda, significa se perder no acessório, em um polo esvaziado de tensão, resultando numa avaliação equivocada da peça e da encenação (Hermand, 1981, p. 168).

O papel de Karl Thomas é fundamental para a argumentação que venho fazendo. Tomá-lo como protagonista da peça, que teria nele uma espécie de *raisonneur* negativo (pois contra a burguesia), não leva a lugar

⁴ “Und dabei hat der nur vier Jahre gedauert”.

⁵ “Es genügt uns”.

⁶ “Was bedeuten Leid und Erkenntnis von Millionen, wenn schon die nächste Generation dafür taub ist? Alle Erfahrung rinnt ins Bodenlose”.

nenhum – pior ainda se o entendermos como *alter ego* de Toller, o que não se sustenta. Sua perspectiva não domina nem organiza os materiais da peça, antes os põe em choque. Mas, se o analisarmos como um eixo em torno do qual as outras várias perspectivas são construídas, a partir das relações que ele trava com os demais personagens-tipo, ele não só deixa de ser o centro das atenções como faz com que uma dinâmica complexa ganhe primazia. Karl Thomas é menos um personagem protagonista do que um mestre de cerimônias, ou um compadre, dessa verdadeira revista de década que é *Hoppla*. Ele praticamente não age, antes reage, sendo levado para cá e para lá pelos amigos ou pela polícia, com demandas que não são mais factíveis – embora legítimas. Ele se estabelece como um personagem fora do lugar e, ao mesmo tempo, uma pedra no sapato da acomodação confortável. Formalmente, a peça desmonta as bombas da agência individual e ilumina um quadro social pouco visível a olho nu, focalizado a partir da tensão em seus bastidores – o quarto dos empregados é contraposto à sala em separado onde os arranjos políticos são discutidos e combinados; sua relação não se resume à justaposição aleatória, mas à subordinação – causa e efeito.

Pickel funciona, sob certo ângulo, como contraponto cômico de Karl Thomas; se não é o personagem mais importante, é certamente o mais esquivo, pouco afeito a avaliações sumárias. Não consegue erigir uma frase, um pensamento completo, sendo desprezado por qualquer interlocutor com quem pretenda estabelecer contato. Ele aparece na maioria dos espaços sociais da peça: no escritório do ministro, na sala de votação, no Grande Hotel – inclusive está presente na cena do assassinato de Kilman. Mas é como se não estivesse: ele não chega a ser repudiado pelos demais, pois de fato ele sequer é notado; os demais simplesmente o ignoram. Suas tentativas de entabular qualquer comunicação são abruptamente interrompidas por ele mesmo, ao se perceber desprezado. Mas mesmo antes de interromper a si mesmo, sua fala já é entrecortada, constituída por assertivas descontextualizadas. Homem simples do interior, em seus farrapos de fala reclama dos vizinhos, vê com maus olhos a chegada do trem, comenta o atraso dos relógios, especula que a diferença da monarquia para a república deveria ser marcada pelo uso de luvas de cores diferentes. Se é difícil identificar que Karl Thomas funciona como um eixo para a dinâmica dos processos, pela força centrípeta que um personagem como ele projeta, é nítido o não lugar de Pickel, que é construído por negativas.

Ele não deveria estar ali, seu discurso não é ouvido por ninguém, seus pensamentos não têm organização clara, ele não enfrenta os poderosos nem é aceito por eles, ele não matou Kilman, e, por fim, ele não representa nenhuma superação dialética da situação em que todos estão metidos. Ele é um personagem invisível embora imponha sua presença: sua eloquência vem dessa ambiguidade. Se os interlocutores diegéticos o ignoram, nós não conseguimos fazê-lo.

Algumas palavras sobre o professor Lüdin são também esclarecedoras. No primeiro ato, Thomas recebe alta do manicômio. Nesse primeiro momento, o professor Lüdin o vê como um objeto de estudo, que remete a *Woyzeck*, de Büchner: os sofrimentos, a solidão e a perda de qualquer referência afetiva de Thomas são ignorados em função de uma abordagem puramente técnica de sua saúde mental, com todos os estereótipos esperados de um cientista entregue à sua mais profunda vocação. Chega a haver um tom um tanto condescendente com essa figura idealizada, da dedicação altruísta de uma vida ao conhecimento etc. Mas o discurso neutro e positivado da ciência já se vê manchado quando o psiquiatra, ainda no primeiro ato, logo que se vê sozinho, diz: “Raça ruim” (Toller, 2014, p. 97, tradução nossa)⁷. Ao final da peça, quando Karl Thomas retorna ao manicômio acusado de assassinato, Lüdin é chamado para fazer sua avaliação psiquiátrica. Considerando certo que Thomas assassinara Kilman em virtude de sua ideia revolucionária, o psiquiatra mostra de que lado está. Ele sanciona a violência, a ganância excessiva, o atropelo das leis e de toda e qualquer pessoa em virtude do sucesso no capitalismo. Justifica as oscilações do mercado e a inflação galopante a destruir o pouco que os pobres têm, como riscos inerentes a um mercado acima de quaisquer injunções. Normaliza o uso da tecnologia de ponta para promover mais lucros concentrados nas mãos de poucos (e não a justiça social, tema que um ano depois aparece, também, em *A exceção e a regra*, de Brecht, em torno da descoberta e especulação sobre o petróleo). A certa altura, qual um humanista machadiano convicto e no ataque, conclui o psiquiatra Lüdin, em crescendo até a explosão (cito passagens que não são sequenciais):

Professor Lüdin: [...] Se a natureza não quisesse que alguns comessem menos, provavelmente não haveria pobreza. [...] Com suas ideias,

⁷ “Schlechte Rasse”.

as pessoas seriam parasitas e preguiçosos. [...] O que você quer? Destruir a vida a partir de suas bases, criando o paraíso na terra, o absoluto, certo? Ilusão! Você age como um veneno infeccioso nos fracos de espírito, nas massas! [...] A massa é uma manada de porcos. Force-os aos chiqueiros quando há algo para comer. Que chafurdem na lama quando o bucho estiver cheio. [...] É nossa missão proteger a sociedade de criminosos perigosos. Você é o arqui-inimigo de todas as civilizações! O caos! Deveriam fazer com que pessoas como você se tornassem inofensivas, esterilizadas, erradicadas! (Toller, 2014, p. 157-158, tradução nossa)⁸.

A longa citação fala por si mesmo. A representação da ciência, do poder, do cuidado com o outro (trata-se de um médico), dá expressão teatral ao que a história social verá materializado a partir de 1933, com o nazismo. Esse prenúncio de Josef Mengele não se deve a algum palpite ou mediunidade de Toller, mas a uma avaliação precisa e profunda da condição anímica da Alemanha em 1927. Karl Thomas é apostrofado como um veneno infeccioso, um perigoso criminoso arqui-inimigo da civilização, que deve ser esterilizado e erradicado; projeto este realizado, com requintes de crueldade, durante a segunda guerra. A massa é vista como uma manada de porcos, que chafurda na lama se tiver o que comer: caso contrário, que passem fome. Se Lüdín começou como um cientista idealista, termina como defensor de um capitalismo predador e abusivo e, articulado com isso, como um nazista. Esse trecho, citado apenas pela voz de Lüdín, é construído em uma estrutura ternária. Numa primeira voz, os questionamentos de Karl Thomas; segunda voz, as respostas de Lüdín; a terceira voz é dos massacrados pelo sistema (nos nichos do grande Hotel, ao fundo), que enlouquecem por serem tragados pela dinâmica defendida ardorosa e amorosamente pelo psiquiatra – o que fica para ser visto na publicação integral da peça.

⁸ “Wenn die Natur nicht gewollt hätte, daß etliche weniger essen, würde es wohl keine Armut geben. [...] Mit Ihren Ideen würden die Menschen Schmarotzer und Faulpelze. [...] Was wollen Sie? Das Leben in seinen Fundamenten stürzen, den Himmel auf Erden schaffen, das Absolute, ja? Wahnidee! Wie infiziöses Gift wirken Sie auf die Schwachen im Geiste, auf die Masse! [...] Die Masse, eine Herde von Schweinen. Drängt zum Kober, wenn's zu fressen gibt. Suhlt sich im Dreck, wenn der Wanst vollgeschlagen. [...] Es ist unsere Mission, die Gesellschaft vor gemeingefährlichen Verbrechern zu schützen. Sie sind der Erzfeind jeder Zivilisation! Das Chaos! Sie muß man unschädlich machen, sterilisieren, ausmerzen!”

O recorte da tradução que apresentamos neste artigo vai do “Prólogo” em 1919 a meados do “Primeiro ato”, passando pelo primeiro contato com o psiquiatra até o momento em que Thomas se encontra com Kilman. Embora seja uma amostra relativamente curta, permite que se entreveja as linhas principais da construção e da organização dos materiais que animam a peça, acima discutidas numa visão geral. A tradução procura manter essa tensão constitutiva, mais do que dar um caráter definitivo e um discurso coerente para os personagens. A tradução da peça procura contribuir com os estudos de Ernst Toller no Brasil, um capítulo ainda inicial e uma tarefa das mais importantes. No caso específico de *Hoppla, estamos vivos!*, a peça faz parte de um enfrentamento político e estético de um passado que precisava (e ainda precisa) ser revisitado, e não apenas na Alemanha. Para ser rápido, a ditadura brasileira de 1964 a 1985 ainda está longe de ter sido debatida o suficiente; a anistia de 1979 impediu um acerto de contas com ditadores e torturadores que, também por isso, em vez de presos são considerados heróis, enaltecidos e idolatrados. Além disso, no campo estético, dá acesso ao texto encenado por Piscator em evento ímpar da história teatral. Uma peça que, como lembra Schürer (2011, p. 151), apesar da incompreensão da crítica, teve grande sucesso de público até 1933 e, hoje, sua estrutura aberta e dialética tem muito a dizer, tanto em alcance histórico como em proposta estética.

Tradução do “Prólogo” e das duas primeiras cenas do “Primeiro ato” da peça *Hoppla, estamos vivos!*

Hoppla, estamos vivos!

Um prólogo e cinco atos

Essa tradução segue a edição crítica *Sämtliche Werke: Kritische Ausgabe. Stücke II – 1926-1939*, de Ernst Toller, publicada por Wallstein Verlag, em 2015.

Ernst Toller, 1927

Encenada no Piscator Bühne em 3 de setembro de 1927, com direção de Erwin Piscator.

Saudações a Erwin Piscator e Walter Mehring

Personagens do prólogo

Karl Thomas

Eva Berg

Wilhelm Kilman

Albert Kroll

Sra. Meller

Sexto prisioneiro

Guarda Rand

Tenente Barão Friedrich

Soldados

Ano: 1919

Personagens da peça

Karl Thomas

Eva Berg

Wilhelm Kilman

Sra. Kilman

Lotte Kilman

Albert Kroll

Sra. Meller

Rand

Professor Lüdin

Barão Friedrich

Conde Lande

Ministro da Guerra

Banqueiro

Seu filho

Pickel

Servidor do ministério

Guarda do hospício

Estudante

Fritz

Grete

Primeiro trabalhador

Segundo trabalhador

Terceiro trabalhador
Quarto trabalhador
Quinto trabalhador
Juiz de instrução criminal
Maitre
Empregado doméstico
Telegrafista
Aprendiz de garçom
Escriturário
Taberneiro
Coronel de polícia
Primeiro policial
Segundo policial
Terceiro policial
Presidente do grupo dos trabalhadores do intelecto
Filósofo X
Poeta Y
Crítico Z
Presidente da seção eleitoral
Primeiro Mesário
Segundo Mesário
Terceiro Mesário
Eleitores
Idosa
O prisioneiro N.
Jornalistas
Senhoras, senhores, povo

A peça se passa em muitos países.

Oito anos depois de uma insurreição popular ter sido derrotada

Ano: 1927

Notas para a direção

Todas as cenas da peça podem ser realizadas em um andaime, construído em andares, e que pode ser usado sem variações. As partes fílmicas podem ser omitidas ou substituídas por projeções simples em teatros nos quais, por

algun motivo, não seja possível instalar uma estrutura de projeção. Para não interromper o ritmo da encenação deve haver apenas uma pausa, logo após o segundo ato.

Prólogo filmico

Ruídos: sinos de alarme

Frágeis focos de luz laterais

Cenas de uma insurreição popular

Sua derrota

As personagens do prólogo aparecem em certas passagens do filme

Prólogo

Grande cela de prisão

Karl Thomas: Maldito silêncio!

Albert Kroll: Que tal um coral?

Eva Berg: Na Revolução Francesa, os aristocratas dançavam no ritmo do minueto a caminho da guilhotina.

Albert Kroll: Desvarios românticos. Deveriam ter examinado suas cuecas. Não teriam cheiro de lavanda.

Silêncio.

Wilhelm Kilman: Mãe Meller, a senhora é uma mulher idosa. A senhora se cala, a senhora ri... A senhora não tem medo da... da...? Mãe Meller, (*aproximando-se dela*), tô sentindo bambear as pernas de calor, e aqui, é como se um anel de gelo apertasse meu coração... Tente me entender. Tenho mulher e filho... Mãe Meller, estou tremendo de medo...

Sra. Meller: Calma, meu jovem, calma, a gente vê as coisas tão ruins quando se é jovem. Mais tarde isso passa. Vida e morte correm juntas. Você veio de um buraco, vai acabar em outro.

Wilhelm Kilman: Você acredita na vida do lado de lá?

Sra. Meller: Não, que nada. Os professores acabaram com minha fé na pancada.

Wilhelm Kilman: Ninguém veio vê-la. A senhora não queria visitas?

Sra. Meller: Eles roubaram de mim meu velho e meus dois meninos na guerra. É bem verdade que doeu, mas pensei comigo, outros tempos virão. E vieram mesmo. Perdidos... Outras pessoas irão lutar...

Silêncio.

Karl Thomas: Atenção! Estou vendo alguma coisa.

Eva Berg: O que?

Karl Thomas: Não, não se aproximem. Os olhos atentos do espião... Vamos fugir!

Albert Kroll: Quer levar bala?

Karl Thomas: Olhem essa janela. O reboco se desfez.

Albert Kroll: Sim, é verdade.

Karl Thomas: Um pedaço grande do reboco não está quase solto?

Albert Kroll: Nitidamente.

Karl Thomas: Vocês viram também?

Eva Berg: Sim, sim. É de enlouquecer!

Sra. Meller: Sim. Com certeza.

Wilhelm Kilman: Alguém quis arrombar a cela de fora pra dentro... Parou pouco antes de conseguir... Bem, não sei.

Sra. Meller (*para Wilhelm Kilman*): Que foi, seu cagão?!

Wilhelm Kilman: Sim, mas...

Karl Thomas: Como assim, mas?

Albert Kroll: Vocês sabem que não sou imprudente. Já é noite. Que horas são?

Karl Thomas: Acaba de bater quatro horas.

Albert Kroll: Então trocaram os guardas. Estamos no primeiro andar. Se ficarmos, poderemos dizer bom-dia uns aos outros numa vala comum. Se fugirmos, as chances são de dez em cem. E mesmo que fosse um pra cem, tínhamos que tentar.

Wilhelm Kilman: Caso contrário...

Karl Thomas: Mortos de um jeito ou de outro... Você, Albert, desfile seis passos pra frente e pra trás, sempre da janela até a porta. Então a viseira da porta fica tapada por alguns segundos, e quem está de fora não vê o que se

passa aqui dentro. Na quinta vez eu pulo na janela, derrubo a grade com todas as minhas forças e, daí, até nunca mais.

Eva Berg: Eu gritaria! Karl, eu te beijarei até morrer.

Albert Kroll: Mais tarde.

Karl Thomas: Deixe ela falar! Ela é tão jovem.

Albert Kroll: Primeiro Karl pula, em seguida Eva, depois Wilhelm pega Mãe Meller e a levanta...

Wilhelm Kilman: Sim, sim... Quero dizer apenas...

Sra. Meller: Deixe que ele vá primeiro... Ninguém precisa me ajudar. Eu não sou menos que nenhum de vocês.

Albert Kroll: Não discuta! Você vem primeiro, depois Wilhelm e eu por último.

Wilhelm Kilman: E se a fuga não vingar? Devíamos pensar melhor.

Albert Kroll: Se a fuga não vingar...

Karl Thomas: Como ter certeza se a fuga dará certo? É preciso ousar, camarada! Um revolucionário que não ousa! Você devia tomar café com mamãe e não ir às barricadas.

Wilhelm Kilman: Depois estaríamos todos perdidos. Não haveria mais esperança.

Karl Thomas: Pro inferno a esperança! Esperança de quê? A sentença de morte já foi dada. Há dez dias esperamos a execução.

Sra. Meller: Ontem à noite pediram os endereços de nossos parentes.

Karl Thomas: Então, de que esperança se trata? Uma rajada de balas e, se não tiverem boa mira, como brinde um tiro de misericórdia. Boa vitória ou boa morte – esse dito não muda há milênios.

Wilhelm Kilman se encolhe...

Karl Thomas: Ou será que... você pediu misericórdia? Nesse caso, ao menos jure que ficará em silêncio.

Wilhelm Kilman: Por que vocês deixam que ele me ofenda? Não trabalhei duro dia e noite? Faz quinze anos que ralo muito pelo partido, e hoje tenho que ouvir isso... Não me serviram o café da manhã na cama.

Sra. Meller: Paz, vocês dois.

Karl Thomas: Pense na corte marcial. Suspender a sentença de morte... Atingido em uma parede de concreto, você acha que irá ouvir os acordes de um sino santificado?

Albert Kroll: Vamos! Todos prontos? Eva, você conta. Tenha cuidado, Karl... na quinta vez.

Albert Kroll começa a andar pra frente e pra trás, da janela à porta, da porta à janela. Todos tensos.

Eva Berg: Um... dois... três... (*Karl Thomas se esgueira até a janela.*) Quatro... *Ruídos perto da porta. Porta se abre rangendo.*

Albert Kroll: Merda!

Entra Guarda Rand.

Guarda Rand: Alguém quer falar com o pastor?

Sra. Meller: Ele é que deveria se envergonhar.

Guarda Rand: Não peque, velha Senhora. Logo estarão diante do Juiz Supremo.

Sra. Meller: Os vermes não conhecem nenhuma religião, isso eu aprendi. Diga ao seu pastor que Jesus expulsou os mercadores e os usurários do templo com chicotadas. Ele deveria anotar isso na Bíblia dele, e logo na primeira página.

Guarda Rand (*para o sexto prisioneiro, que está deitado no beliche*): E o senhor?

Sexto prisioneiro (*fala baixo*): Desculpem-me, camaradas... Eu abandonei a igreja aos dezesseis anos... agora... diante da morte... aterradora... me entendam, camaradas... Sim, eu quero ver o pastor, seu Guarda.

Wilhelm Kilman: Revolucionário? Cagando nas calças! Ver o pastor! Querido Deus, faça-me piedoso para que eu entre no reino dos céus.

Sra. Meller: Você vai repreender esse pobre diabo?

Albert Kroll: Diante da morte... deixe-o.

Wilhelm Kilman: Eu ainda posso dar minha opinião.

Guarda e o sexto prisioneiro saem. A porta se fecha.

Albert Kroll: Ele não vai nos trair?

Karl Thomas: Não.

Albert Kroll: Atenção! Agora o guarda tem que acompanhá-lo, logo não pode nos espionar. Karl, vamos, eu te ajudo. Aqui, nas minhas costas...

Albert se abaixa. Karl sobe nas costas curvadas de Albert. Quando leva as duas mãos à beirada da janela para agarrar as barras de ferro, disparam armas lá de baixo; cacos e pedaços de reboco voam pela cela. Karl Thomas pula das costas de Albert Kroll. Todos se encaram.

Albert Kroll: Você está ferido?

Karl Thomas: Não. O que foi isso?

Albert Kroll: Nada de especial. Eles vigiam nossa janela. Temos companhia.

Eva Berg: Isso... significa...?

Sra. Meller: Prepare-se, menina.

Eva Berg: Para... para a morte...? (*Os outros ficam em silêncio.*) Não... não... (*Soluça, chora. Frau Meller vai até ela, acaricia-a.*)

Albert Kroll: Não chore, garota. Nós, revolucionários, somos todos mortos de férias, alguém já disse.

Karl Thomas: Chega, Albert. Ela é jovem. Dezesete anos incompletos. Para ela, a morte significa um buraco escuro e frio, em que ela vai ficar por toda a eternidade. E sobre seu túmulo haverá vida quente, inebriante, colorida e doce. (*Karl Thomas se aproxima de Eva Berg.*) Suas mãos.

Eva Berg: Você.

Karl Thomas: Eu te amo muito, Eva.

Eva Berg: Eles nos enterrariam juntos, se pedirmos?

Karl Thomas: Talvez.

Albert Kroll dá um pulo.

Albert Kroll: Tortura dos infernos! Por que eles não vêm logo! Uma vez li que os gatos torturam longamente os ratos que pegam porque cheiram muito bem aterrorizados pelo medo da morte... conosco deveria ser diferente, por educação. Por que eles não vêm? Por que esses cachorros não vêm?

Karl Thomas: Sim, por que lutamos? O que sabemos? Por uma ideia, pela justiça – dizemos. Ninguém cavou tão fundo em si mesmo a ponto de chegar às razões últimas. Se é que existe algo como razões últimas.

Albert Kroll: Eu não entendo. Eu sabia que a sociedade em que vivemos parasita o suor das nossas mãos já aos seis anos de idade, quando eu era

arrancado da cama às cinco da manhã para entregar pão. E o que deve acontecer para que a injustiça acabe, eu soube antes que eu pudesse calcular quanto é dez vezes dez...

Karl Thomas: Olhe em volta o que se faz pela ideia, na revolução, na guerra. Um foge da esposa porque ela está infernizando seu dia-a-dia. O outro não consegue se aprumar na vida, e manca pra cima e para baixo até encontrar uma muleta maravilhosa que lhe dá uma aparência de herói. O terceiro acredita que poderia mudar de pele, pois a sua ele acha odiosa, de uma hora para outra. O quarto busca aventura. Sempre são poucos os que se engajam por uma necessidade interna.

Ruídos. Porta se abre rangendo. Entra o sexto prisioneiro. Silêncio.

Sexto prisioneiro: Vocês estão com raiva de mim, camaradas? Eu não mudei de lado, camaradas... Mas... isso me acalmou...

Karl Thomas: Judas!

Sexto prisioneiro: Mas, meus camaradas...

Albert Kroll: Mais uma vez, nenhuma definição! Esperar de novo! Eu queria fumar, ninguém tem uma bituca?

Eles procuram em seus bolsos.

Todos: Não.

Karl Thomas: Espere aí... olha só... eu tenho um cigarro.

Todos: Põe na roda! Põe na roda!

Albert Kroll: Fósforos? Já era.

Wilhelm Kilman: Eu tenho um.

Albert Kroll: Vamos dividir o cigarro, é claro.

Wilhelm Kilman: Sério?

Eva Berg: Sim, por favor.

Karl Thomas: Eva pode ficar com minha parte.

Sra. Meller: Com a minha também.

Eva Berg: Não, cada um dá uma tragada.

Albert Kroll: Boa. Quem começa?

Eva Berg: Vamos sortear.

Albert Kroll (*rasga um lenço de papel em pedaços*): Quem puxar o menor pedaço começa.

Todos pegam.

Albert Kroll: Mãe Meller começa.

Sra. Meller: Passa pra cá. (*Fuma.*) Agora é sua vez. (*Dá o cigarro para Wilhelm Kilman*)

Wilhelm Kilman: Espero que ninguém nos veja.

Albert Kroll: O que poderiam fazer conosco? Quatro semanas na solitária como punição! Hahaha.

Todos fumam, cada um uma tragada. Observam-se com atenção.

Albert Kroll: Karl, você não deve dar duas tragadas.

Karl Thomas: Não fale assim.

Albert Kroll: Estou mentindo, por acaso?

Karl Thomas: Sim.

Wilhelm Kilman (*para Albert*): Você tragou por muito mais tempo do que nós.

Albert Kroll: Cale a boca, covarde.

Wilhelm Kilman: Ele me chama de covarde.

Albert Kroll: Onde você se enfiou nos dias decisivos? Por onde você rastejava e sujava sua calça branca quando invadimos a prefeitura – pelas costas o inimigo, pela frente a vala comum? Onde você se escondeu?

Wilhelm Kilman: Não discurssei para as massas da sacada da prefeitura?

Albert Kroll: Sim, quando já tínhamos o poder. Antes nem a favor nem contra. Depois, com toda sede ao pote.

Karl Thomas (*para Albert Kroll*): Você não tem o direito de falar assim.

Albert Kroll: Filhote da burguesia!

Sra. Meller: Seus idiotas, brigar cinco minutos antes do paredão...

Wilhelm Kilman: Ele me chamou de covarde! Durante quinze anos eu...

Albert Kroll (*imitando-o*): Durante quinze anos eu... Seu aproveitador... Nenhuma grande honra morder a grama pela raiz com você.

Eva Berg: Que vergonha!

Karl Thomas: Sim, que vergonha.

Albert Kroll: Como assim, vergonha? Vá se deitar com essa tua puta e vai fazer um filho com ela. Ele poderá rastejar na sepultura e brincar com os vermes.

Eva Berg grita.

Karl Thomas pula sobre Albert Kroll.

Sexto prisioneiro (levanta-se de um pulo): Pai do Céu, é essa a sua vontade?! Quando os dois se pegam pela garganta um do outro, ouve-se ruídos. A porta se abre, gemendo. Eles se soltam.

Guarda Rand: O tenente virá em breve. Vocês devem estar prontos. (*Sai.*) *Albert Kroll vai até Karl Thomas e o abraça.*

Albert Kroll: Ninguém se controla mais, Karl. Esse não era mesmo eu, não era eu. Dê-me sua mão, pequena Eva.

Karl Thomas: Há dez dias esperamos pela morte. Isso nos envenenou. *Ruídos. Porta rangendo.*

Entram tenente e soldados.

Tenente Barão Friedrich (para Albert Kroll): Levante-se. Em nome do presidente. A sentença de morte foi legalmente proferida. (*Pausa.*) Como sinal de sua misericórdia e de sua vontade de reconciliação, o presidente anulou a sentença. (*Pausa.*) Os condenados continuarão presos e imediatamente transferidos para campos de internação. (*Pausa.*) Com exceção de Wilhelm Kilman:

Karl Thomas ri como se relinchasse.

Eva Berg: Você me assusta com essa risada, Karl.

Sra. Meller: A felicidade.

Barão Friedrich: Não ria, homem.

Eva Berg: Karl! Karl!

Albert Kroll: Ele não está rindo por diversão.

Sra. Meller: Prestem atenção nele! Ele está desfigurado.

Barão Friedrich (para o guarda): Leve-o ao médico.

Karl Thomas é levado. Eva Berg o acompanha.

Albert Kroll (*para Wilhelm Kilman*): Somente você fica. Me desculpe, Wilhelm. Não nos esqueceremos de você.

Sra. Meller (*ao sair, fala com Albert Kroll*): Misericórdia. Quem poderia imaginar que os senhores se sentiriam tão fracos.

Albert Kroll: Mau sinal. Quem teria pensado que os senhores se sentiriam tão fortes.

Todos fora, exceto o Barão Friedrich e Wilhelm Kilman.

Barão Friedrich: O presidente concedeu perdão ao Senhor. Ele acredita que o Senhor perfilou com os rebeldes contra a sua vontade. O senhor está livre.

Wilhelm Kilman: Agradeço e obedeço, Senhor Tenente.

Cortina.

Interlúdio fílmico

Nos bastidores:

Coro (*em ritmo crescendo, ritmo diminuindo*):

Feliz Ano Novo! Saúde! Feliz Ano Novo! Saúde!!!

Folha extra! Folha extra!

Grande sensação! Folha extra!

Folha extra! Folha extra!

Grande sensação!

Na tela:

Cenas dos anos 1919-1927.

Durante a projeção: Karl Thomas em avental de sanatório, andando para frente e para trás em uma cela de manicômio.

1919: Tratado de Versalhes.

1920: Agitações no mercado acionário de Nova York. Pessoas enlouquecem.

1921: Fascismo na Itália.

1922: Fome em Viena. Pessoas enlouquecem.

1923: Inflação na Alemanha. Pessoas enlouquecem.

1924: Morte de Lenin na Rússia. Nota de jornal: A Sra. Luise Thomas morreu esta noite...

1925: Gandhi na Índia.

1926: Lutas na China – Conferência de líderes europeus na Europa.

1927: Relógio de ponteiros. Os ponteiros avançam. Primeiro devagar... depois cada vez mais rápidos... Ruídos: relógios.

PRIMEIRO ATO

Primeira cena

Escritório da direção de um manicômio.

Junto ao armário um guarda.

Junto à janela gradeada, Professor Lüdin.

Guarda: Uma calça cinza. Um par de meias de lã. O senhor não trouxe roupas íntimas?

Karl Thomas: Eu não sei.

Guarda: Ahã. Um colete preto. Uma jaqueta preta. Um par de sapatos baixos. Sem chapéu.

Professor Lüdin: E dinheiro?

Guarda: Nenhum, doutor.

Professor Lüdin: Parentes?

Karl Thomas: Ontem me contaram que minha mãe morreu três anos atrás.

Professor Lüdin: Será duro. Hoje a vida está difícil. Você tem que trabalhar pesado, dia e noite. Não se desespere. O tempo será seu conselheiro.

Guarda: Data da alta médica: 8 de maio de 1927.

Karl Thomas: Não!

Professor Lüdin: Sim, Sim.

Karl Thomas: 1927?

Professor Lüdin: Sim, oito anos em nosso pensionato. Vestido, alimentado, cuidado. Não lhe faltou nada. Esteja certo disso: um caso clinicamente notável.

Karl Thomas: Como se fosse apagado. Mas... eu me lembro de algo...

Professor Lüdin: Do quê?

Karl Thomas: Uma margem de floresta. Árvores marrons se esticavam para o céu como pilares. Faias. A floresta cintilava verde. Com mil pequenos sóis. Muito terno. Eu queria entrar, tinha muita energia. Mas não consegui. Os troncos se dobraram para fora, assustadores, e me jogaram para trás como uma bola de borracha.

Professor Lüdin: Espere aí! Como uma bola de borracha. Que associação interessante. Preste atenção: seus nervos podem aguentar a verdade. A floresta: a cela de isolamento. Os troncos: as paredes de borracha de primeira qualidade. Sim, lembro-me bem, uma vez por ano o Senhor era tomado pela fúria. Nessa ocasião o senhor tinha que ser isolado. Sempre no mesmo dia. Sem dúvida sua alta é uma notável conquista clínica.

Karl Thomas: Em que dia?

Professor Lüdin: O dia em que... Bem, o Senhor sabe, com certeza.

Karl Thomas: No dia do perdão...

Professor Lüdin: O senhor se lembra de tudo?

Karl Thomas: Sim.

Professor Lüdin: Também por isso está curado.

Karl Thomas: Uma coisa é ficar minutos à espera da morte... Mas dez dias! Dez vezes vinte e quatro horas. Cada hora sessenta minutos. Cada minuto sessenta segundos. Cada segundo uma morte. Mil quatrocentas e quarenta vezes assassinado em um dia! As noites!... Eu odeio o perdão. Eu odeio o presidente! Só um canalha poderia agir assim...

Professor Lüdin: Calma, calma. O Senhor tem todos os motivos para ser grato... Aqui dentro expressões duras não são entendidas de modo torto. Mas lá fora... o Senhor teria mais um ano de prisão por insultar o chefe de Estado. Seja sensato. O Senhor deve se comportar como uma pessoa decente.

Karl Thomas: O Senhor fala assim porque pertence aos donos do poder.

Professor Lüdin: Vamos acabar com essa conversa. O senhor não precisa ficar deprimido porque esteve no manicômio. De fato, a maioria das pessoas estão maduras para virem para cá. Se eu examinasse mil, teria de manter por aqui novecentos e noventa e nove.

Karl Thomas: Então por que não faz?

Professor Lüdin: O Estado não tem interesse nisso. Pelo contrário. Com uma boa dose de loucura os homens se tornam bons maridos. Com duas doses de loucura eles se tornam sociais... Não me faça pegadinhas estúpidas. Eu quero o seu bem. Vá atrás de algum dos seus amigos.

Karl Thomas: Onde eles poderiam estar?...

Professor Lüdin: Vocês eram muitos na cela, na mesma situação, não é?

Karl Thomas: Cinco. Apenas um não foi perdoado, seu nome era Wilhelm Kilman:

Professor Lüdin: Esse não foi perdoado? Hahaha! Ele subiu na carreira a galope! Mais esperto do que o senhor.

Karl Thomas: Eu não entendo o que quer dizer.

Professor Lüdin: Vai me entender logo. Vá até ele, sem mais. Ele poderá ajudá-lo. Se ele quiser ajudar. Se ele quiser reconhecê-lo.

Karl Thomas: Ele ainda está vivo?

Professor Lüdin: Você verá um milagre. Excelente receita para o seu caso. Eu te curei clinicamente. Ele talvez poderá curá-lo de suas ideias fixas. Vá ao Ministério do Interior e pergunte pelo Sr. Kilman. Sorte no caminho.

Karl Thomas: Bom dia, senhor doutor. Boa tarde, Sr. Guarda... Tem um perfume tão forte de lilases aqui ... Ah sim, a primavera. É verdade, as faias crescem mesmo do lado de fora da janela... nada de paredes de borracha ...
(*Karl Thomas sai.*)

Professor Lüdin: Raça ruim.

Escuro

Interlúdio filmico

Metrópole 1927

Bondes

Carros

Metrôs

Aviões

Segunda cena

Duas salas visíveis: antessala do ministro, escritório do ministro.

Quando a cortina é levantada as duas salas estão visíveis.

A sala em que ninguém fala permanece escura.

No escritório do ministro

Wilhelm Kilman: Eu chamei a senhora.

Eva Berg: Por favor.

Na antessala

Filho do banqueiro: Ele vai te receber? Ele não te chamou.

Banqueiro: Não me receber! Que ele ouse.

Filho do banqueiro: Precisamos dos empréstimos até o final do mês.

Banqueiro: Por que você tem dúvida?

Filho do banqueiro: Porque ele já rejeitou nas duas vezes.

Banqueiro: Eu fui muito desajeitado.

No escritório

Wilhelm Kilman: A senhora é membro do Conselho de Administração da Associação de Mulheres Funcionárias?

Eva Berg: Sim.

Wilhelm Kilman: A senhora trabalha como secretária na administração fiscal?

Eva Berg: Sim.

Wilhelm Kilman: Há dois meses que seu nome não atrai pouca atenção nos relatórios policiais.

Eva Berg: Não sei do que está falando.

Wilhelm Kilman: A senhora incita as trabalhadoras das fábricas de produtos químicos a se recusarem a fazer horas extras?

Eva Berg: Eu exerço os direitos que a Constituição me garante.

Wilhelm Kilman: A constituição foi concebida para momentos pacíficos.

Eva Berg: Não vivemos neles agora?

Wilhelm Kilman: O Estado raramente conhece momentos de paz.

Na antessala

Banqueiro: A situação deve ser regulamentada antes da denúncia tarifária. Duas horas extras, senão...

Filho do banqueiro: Os sindicatos decidiram se apegar a oito horas de trabalho diário.

Banqueiro: O que é certo para o Estado será barato para a indústria pesada.

Filho do banqueiro: Deveriam ser demitidos por volta de meio milhão de trabalhadores.

Banqueiro: E olhe lá. Você mataria duas moscas num só tapa. Horas extras e salários achatados.

No escritório

Eva Berg: Eu sou contra a guerra. Se eu tivesse poder, as máquinas estariam paradas. E o que o senhor está fazendo? Gás venenoso!

Wilhelm Kilman: Sua opinião pessoal não me interessa. Eu também não amo a guerra. A senhora reconhece este panfleto? A senhora é a autora?

Eva Berg: Sim.

Wilhelm Kilman: A senhora fere seus deveres como funcionária pública.

Eva Berg: Houve um tempo em que o senhor fazia o mesmo.

Wilhelm Kilman: Estamos numa reunião entre servidores, senhorita.

Eva Berg: No passado o senhor teve...

Wilhelm Kilman: Mantenha-se no presente. Tenho que zelar pela ordem... Cara Senhorita Berg, seja racional por um momento. A senhora quer bater com a cabeça na parede? O estado ainda tem e sempre terá um crânio mais duro. Eu não gostaria de lhe causar nenhum mal. Precisamos das horas extras agora. À senhora falta o conhecimento prático. Seria terrivelmente doloroso para mim agir contra a senhora. Eu a conheço de outros tempos. Mas eu seria obrigado. Verdade. Seja racional. Prometa-me que...

Eva Berg: Eu não prometo nada.

Na antessala

Pickel (*que andava inquieto desde o início da cena, para frente e para trás; para diante do banqueiro*): Perdoe-me, senhor... Eu sou oriundo de Holzhausen, é fato. Talvez o senhor conheça Holzhausen? Embora a construção da ferrovia deva começar somente em outubro. De todo modo, a carruagem dos correios sempre foi suficiente para mim. Há um ditado entre nós... (*o banqueiro se afasta.*)

Pickel: Eu acredito, entretanto, que a ferrovia... (*como ninguém o escuta, ele interrompe a fala, e anda de um lado para outro.*)

No escritório

Wilhelm Kilman: O estado deve se proteger. Eu não tinha a obrigação de chamá-la para conversar. Eu gostaria de lhe dar um bom conselho. Não se deve dizer que... A senhora carrega, sozinha, toda a responsabilidade. Estou advertindo a senhora. (*Gesticula.*)

Eva Berg sai.

Wilhelm Kilman (*ao telefone*): Indústria química? Sr. Diretor!... Kilman aqui... Então? Reunião dos trabalhadores às 12 horas... Me ligue para passar o resultado... Obrigado... (*desliga.*)

O Ministro da Guerra chega à antessala.

Ministro da Guerra: Ah, boa tarde, Sr. Diretor Geral. Aqui também?

Banqueiro: Sim, infelizmente, numa espera miserável... Permita-me, Senhor Ministro da Guerra, apresentar meu filho... Sua Excelência von Wandsring.

Ministro da Guerra: Prazer em conhecê-lo. Situação terrível.

Pickel (*volta-se para o Ministro da Guerra*): Eu quero dizer, Senhor General, embora o inimigo...

Como o Ministro da Guerra o ignora, ele para de falar, vai até o canto, busca uma medalha em sua bolsa, e a prende com esforço e pressa.

Banqueiro: O Senhor vai conseguir, Senhor General.

Ministro da Guerra: Sei disso. Só que... Não me dá prazer atirar em pessoas para quem você mesmo deu as baquetas, as colocou em suas mãos, e depois quer impedi-las de tocar bateria. Essas utopias liberais de democracia e liberdade popular nos trouxeram enormes dificuldades. Precisávamos de

autoridade. Experiência destilada de milênios. Não pode ser desfeita com palavras de ordem.

Banqueiro: Afinal, a democracia, ainda que com moderação, por um lado não levaria necessariamente ao poder do populacho, e por outro poderia ser uma válvula de escape...

Ministro da Guerra: Democracia ... uma estupidez. O povo governa? Onde então? Muito melhor uma ditadura honesta. Não vamos dar a conhecer o que pensamos, Sr. Diretor Geral... Nos vemos amanhã no clube?

Banqueiro: Com muito prazer.

O Ministro da Guerra sai.

O Conde Lande o segue até a porta.

Conde Lande: Excelência...

Ministro da Guerra: Ah, Senhor conde. Instruções dadas?

Conde Lande: Sim, Excelência.

Ministro da Guerra: Eles estão bem?

Conde Lande: As Ligas do Front aguardam.

Ministro da Guerra: Não aja de cabeça-quente, conde. Sem loucuras. Os tempos de ataques militares se foram. O que pretendemos alcançar para nossa pátria, podemos conseguir legalmente.

Conde Lande: Excelência, contamos com o Senhor.

Ministro da Guerra: Senhor Conde, com todo respeito... estou te advertindo.

Ministro da Guerra sai.

Pickel (em postura militar): Às ordens, General.

Ministro da Guerra sai, ignorando-o.

Banqueiro: Quanto tempo Kilman se segura no governo?

Filho do banqueiro: Por que você não faz o negócio por meio de Wandsring?

Banqueiro: Kilman governa hoje. O que é certo é certo.

Filho do banqueiro: Ele já é passado. Você pode contabilizar seu Kilman na massa falida da democracia. Sinta os ventos que sopram da indústria. Eu o aconselharia a se posicionar por uma ditadura nacional.

Pickel (*se volta para Conde Lande*): O Senhor poderia me dizer que horas são?

Conde Lande: Meio dia e quatorze.

Pickel: Os relógios da cidade estão sempre adiantados. Pensei com meus botões que uma audiência com o ministro deveria ocorrer ao meio-dia... Embora os relógios no interior estejam sempre atrasados, por isso...

Como Conde Lande o ignora, ele para de falar, e anda de um lado para o outro.

Conde Lande: Com que tratamento o Senhor se dirige a Kilman?

Barão Friedrich: Excelência, é claro.

Conde Lande: Pois os iguais a ele apreciam Excelência?

Barão Friedrich: Velhos costumes, meu caro. Vista um uniforme em um homem e ele vai abotoar os botões.

Conde Lande: Ele nos faz esperar na antecâmara. Dez anos atrás eu teria apertado as mãos de tipos como ele apenas se eu vestisse luvas de couro.

Barão Friedrich: Não se exceda. Posso servi-lo com outras iguarias. Oito anos atrás eu quase o levei ao paredão para executá-lo.

Conde Lande: De extremo interesse. O Senhor estava presente à ocasião?

Barão Friedrich: Não muito perto. Não falemos sobre isso.

Conde Lande: Que ele tenha chamado o Senhor para o Ministério apesar disso. Sempre por perto dele. O senhor deve deixá-lo muito inquieto.

Barão Friedrich: Eu também temia isso. Quando ele veio ao Ministério pela primeira vez, com uma grande corte, zanzando pela repartição, eu fiquei irritado, para que tanta bajulação. Deve-se acompanhar a economia e se preparar, para quando novos tempos chegarem, e eles chegarão. Ele, olhar afiado. Daquele dia em diante, uma promoção após a outra, foi até desagradável. Mas não se abre com ninguém.

Conde Lande: Algum tipo de corrupção?

Barão Friedrich: Eu de nada sei. Melhor falar sobre o clima. Suspeito que o sujeito tenha espiões de primeira à disposição.

Conde Lande: Eles copiaram tudo de nós.

Pickel (*se volta para o Barão Friedrich*): Embora meu vizinho em Holzhausen tenha dito... Pickel, disse ele, brancas, para a audiência com o ministro, você precisa comprar luvas brancas. Era assim no antigo Estado, e assim permanece no novo. Isso é exigido pelo rito cerimonial. Eu, no entanto... eu pensei, se a monarquia exigia luvas brancas, nós na república deveríamos usar luvas pretas... Como essas!... Porque somos homens livres agora...

Como o Barão Friedrich o ignora, ele interrompe a fala e anda de um lado para o outro.

Barão Friedrich: Sujeito hábil, devemos admitir.

Conde Lande: Estilo?

Barão Friedrich: Não sei se ele teve aulas de atuação, como Napoleão. De todo modo um cavalheiro da cabeça aos pés. Cavalgadas de manhã com traje completo, e impecável, eu lhe garanto.

Conde Lande: E por quais buracos fede este proletário?

Barão Friedrich: Por todos. É preciso apenas prestar atenção total aos mínimos detalhes, a cada palavra, cada gesto, cada passo. As pessoas acreditam que, se seus fraques forem confeccionados por alfaiates de primeira classe, está resolvido. Eles não percebem que alfaiates de primeira classe só servem para clientes de primeira classe.

Conde Lande: Em todo caso, eu jantaria com a avó do demônio se ela me ajudasse a me mudar do ninho provinciano para a capital.

Barão Friedrich: A avó com quem o Senhor jantaria dirige uma cozinha inteira – não a despreze.

Conde Lande: Já serviu por muito tempo em casas senhoriais.

No escritório

Servidor: Senhora Excelência e Senhorita Filha gostariam de falar com Vossa Excelência. Elas aguardam no salão.

Wilhelm Kilman: Peça que aguardem dez minutos.

Servidor sai.

O telefone toca.

Wilhelm Kilman: Alô. Ah, Senhor Conselheiro! Sim, sou eu... Não faz mal... Mas não, não me importuna absolutamente... A baixa no mercado da Indústria Química... Milagres nos bastidores... Controlado, certamente controlado... Por trás operam os mais espertos. Aprovamos empréstimos do governo ontem mesmo... Como? Por unanimidade... três por cento... Sempre a seu serviço... Até logo, Senhor Conselheiro...

Entra servidor.

Servidor: As senhoras dizem...

Wilhelm Kilman: Elas precisam esperar, tenho trabalho a fazer.

Na antessala

Barão Friedrich: Por favor, disse a filhinha, desnudando o joelho.

Conde Lande: E a mãe?

Barão Friedrich: Disse: que costume elegante, e corou muda.

Conde Lande: A capital vale os esforços de uma virgindade. Quanto tempo isso vai durar! Governar não parece fácil para ele.

Karl Thomas entra. Ele se senta em um canto.

No escritório

Wilhelm Kilman toca a campainha.

O servidor entra.

Servidor: Excelência?

Wilhelm Kilman: Barão Friedrich e Conde Lande.

O servidor faz uma reverência. Sai.

Na antessala

Servidor *(ao conde Lande e ao barão Friedrich):* Vossa Excelência os aguarda...

Banqueiro: Com licença, meus senhores. Entregue este cartão à Sua Excelência. É só um minuto.

O servidor entra no escritório.

O banqueiro e seu filho o seguem.

No escritório

Wilhelm Kilman: Bom dia, Sr. Diretor Geral. Bom dia, senhor doutor. Hoje estou realmente incapaz de...

Banqueiro: Então será melhor nos encontrarmos quando tiver mais tempo.

Wilhelm Kilman: Por favor.

Banqueiro: À noite, no Grand Hotel.

Wilhelm Kilman: Combinado.

O banqueiro e o filho saem.

Na antessala

Servidor (*ao conde Lande e ao barão Friedrich*): Vossa Excelência os atenderá agora.

Abre a porta do escritório. O Conde Lande e o Barão Friedrich entram. O servidor quer sair pela porta lateral.

Karl Thomas: Desculpe.

Servidor: Vossa Excelência está ocupado. Não sei se Vossa Excelência ainda receberá alguém hoje.

Karl Thomas: Eu não quero falar com o ministro. Eu quero ver o Sr. Kilman.

Servidor: Encontre outros para ouvir piadas sem graça.

Karl Thomas: Camarada, piadas...

Servidor: Eu não sou seu camarada.

Karl Thomas: O Sr. Kilman trabalha como secretário no gabinete do ministro? O porteiro me trouxe à antessala do ministro quando perguntei pelo Sr. Kilman.

Servidor: O senhor veio da lua? O senhor quer me convencer que não sabia que Sua Excelência se chama Kilman? O senhor passa uma impressão muito suspeita... Vou ligar para o Comissário de polícia.

Karl Thomas: O senhor não se refere a outro Kilman? Existem tantos Kilmans...

Servidor: O que o senhor deseja?

Karl Thomas: Gostaria de falar com o senhor Wilhelm Kilman: Kilman. K-I-L-M-A-N.

Servidor: É assim que se escreve o nome de Sua Excelência... o indivíduo.
O servidor quer sair.

Karl Thomas: Kilman ministro?... Não, fique. De fato, eu conheço o ministro. Eu sou seu amigo. Sim, sério, amigo dele. Estávamos há oito anos... Fique, por favor... O senhor tem um pedaço de papel? Lápis? Vou escrever meu nome para o ministro, ele vai me receber imediatamente.

Servidor (indeciso)

Karl Thomas: Vamos lá.

Servidor: É preciso agir com sensatez em tempos como esse.

Dá caneta e papel a Karl Thomas.

Sai. Karl Thomas escreve.

Pickel: Olha aí... um amigo do ministro... Embora eu, de fato... Pickel é meu nome... Eh, aquele servidor grosseiro... Embora se deva agir de modo mais duro com os velhos cortesãos, nós, republicanos, aceitamos tudo... Eu, por meu lado, entendi a brincadeira com o seu amigo, com o ministro, na hora. Acho que se pode permitir uma brincadeirinha com o ministro... Quer dizer, algo deveria acontecer... Na alta administração, por exemplo, este servidor... Digo, aí está a dificuldade na República...

No escritório

Wilhelm Kilman: É preciso saber lidar com os povos, meus senhores.

Barão Friedrich: Vossa Excelência não quer dizer que a América não tenha interesse na guerra...

Conde Lande: Vossa Excelência leve em consideração a postura pacífica da França...

Wilhelm Kilman: Porque os ministros enchem a boca pela paz mundial e fazem um carnaval com ideias de humanidade? Mas, meus senhores. Prestem atenção, em cada discurso ministerial, quantas vezes surgem termos como “paz internacional” e “ideia de humanidade”! Eu garanto, é o mesmo número

de vezes que fábricas de gás venenoso e esquadrões da força aérea serão inscritos no orçamento secreto. Discursos ministeriais... Meus senhores...

Barão Friedrich: Ouvi dizer que Vossa Excelência tem Maquiavel como um dos seus autores prediletos.

Wilhelm Kilman: O que precisamos de Maquiavel? Basta a boa e velha compreensão humana.

Entra servidor.

Servidor: Será que as senhoras agora...

Wilhelm Kilman: Deixe-as entrar.

Entram esposa e filha.

Wilhelm Kilman: Você já conhece o Senhor Barão...

Barão Friedrich: Excelência... Nobre Senhorita.

Sra. Kilman: Mas o senhor não precisa se dirigir a mim sempre como Excelência. O senhor sabe que não gosto disso.

Wilhelm Kilman: Sr. Conde Lande. Minha esposa. Minha filha.

Conde Lande: Excelência... Nobre Senhorita.

Barão Friedrich: Estamos incomodando...

Sra. Kilman: Não. Por coincidência, eu escrevi para o senhor hoje. Eu lhe convido para o domingo.

Conde Lande: Beijo suas mãos.

Sra. Kilman: O senhor poderia talvez trazer seu amigo.

Barão Friedrich: Muito honrado, Excelência.

Lotte Kilman (*baixo para o Barão Friedrich*): Você me deixou esperando ontem.

Barão Friedrich (*baixo*): Mas querida.

Lotte Kilman: Eu gostei do seu amigo.

Barão Friedrich: Eu lhe farei o cumprimento.

Lotte Kilman: Eu li sua folha de serviço.

Barão Friedrich: Quando vamos nos encontrar?

Wilhelm Kilman: Sim, Senhor Conde, nós devemos desmentir quando preciso. Difamações da esquerda – eu não leio. Difamações da direita –

receberão respostas minhas. Eu conheço as qualidades dos homens do antigo regime. O homem é apenas humano, tem fraquezas, mas os conservadores mais extremistas não me acusarão de falta de justiça.

Conde Lande: Mas Excelência... O senhor é valorizado nos círculos nacionais.

Wilhelm Kilman: Eu irei escrever ainda hoje para a administração do seu distrito. O senhor começará a servir no ministério em quatro semanas.

Na antessala

Karl Thomas (*andando de um lado para o outro*): Ministro... Ministro...

No escritório

O ministro se despede de Conde Lande e do Barão Friedrich.

Na antessala

Barão Friedrich: O que foi que eu disse?

Conde Lande: Esses “democratas”... Esses “democratas”...

Ambos saem.

Karl Thomas: Eu já vi este rosto. Onde? (*Entra servidor.*) Aqui está a carta para o ministro.

O servidor pega a carta e a leva para o escritório.

No escritório

Servidor: Um homem, Excelência.

Wilhelm Kilman: Eu não quero...

Karl Thomas bate na porta e, sem esperar resposta, entra.

Karl Thomas: Wilhelm! Wilhelm!

Wilhelm Kilman: Quem é o senhor?

Karl Thomas: Você não me conhece mais. Os anos... oito anos...

Wilhelm Kilman (*para o servidor*): O senhor pode ir.

Servidor sai

Karl Thomas: Você ainda vive. Me explique... nós recebemos o perdão. Você foi o único que não.

Wilhelm Kilman: Acaso... acaso feliz.

Karl Thomas: Oito anos... mais fechado que num túmulo. Eu disse aos médicos que não me lembrava de nada. Oh Wilhelm, muitas vezes eu via com olhos bem abertos... Muitas vezes... Muitas vezes... via você morto... Cravei minhas unhas em meus olhos até jorrar sangue... Os guardas achavam que eram convulsões.

Wilhelm Kilman: Sim... aquela época... eu não gosto de me lembrar.

Karl Thomas: A morte sempre à nossa espreita. Ela nos jogava uns contra os outros.

Wilhelm Kilman: Que crianças éramos.

Karl Thomas: Horas como aquelas na prisão eram marcadas a sangue. Por isso vim até você quando soube que estava vivo. Você pode contar comigo...

Sra. Kilman: Wilhelm, temos que ir.

Karl Thomas: Sra. Kilman, bom dia, Sra. Kilman. Na verdade, eu nem havia notado a senhora. A senhora é a filha? Já tão grande?

Lotte Kilman: Todo mundo cresce um dia, e meu pai, nesse meio tempo, também se tornou ministro.

Karl Thomas: A senhora se lembra da última vez em que teve permissão para visitar seu marido na cela dos condenados à morte? Como a senhora me fez sentir pena. Teve que ser arrastada para fora. E sua filha ficou parada na porta, com as mãos tapando o rosto e repetindo: Não, não, não.

Sra. Kilman: Sim, eu me lembro. Foram tempos difíceis. Não, Wilhelm? O senhor está bem agora? Isso é bom. Venha nos visitar qualquer dia.

Karl Thomas: Muito obrigado, Sra. Kilman.

Sra. Kilman e Lotte saem.

Karl Thomas: Precisava ser assim? Que sua filha se comportasse como uma distinta dama da alta sociedade?

Wilhelm Kilman: Como?

Karl Thomas: Seu posto ministerial é uma fachada, não é? De todo modo uma manobra ousada. No passado, a tática não seria permitida. A máquina estará em nossas mãos em breve?

Wilhelm Kilman: Você fala como se ainda estivéssemos em plena revolução?

Karl Thomas: Como?

Wilhelm Kilman: Dez anos se passaram desde então. Onde quer que esperássemos caminhos retos e diretos, a realidade inexorável se impunha e os contorcia. Mesmo assim, as coisas estão avançando.

Karl Thomas: Então você leva seu cargo a sério?

Wilhelm Kilman: Claro.

Karl Thomas: E o povo?

Wilhelm Kilman: Eu o sirvo.

Karl Thomas: Você ainda não descobriu que quem se senta nas cadeiras ministeriais, e tem como colegas os mais duros inimigos, vai falhar, deve falhar, independentemente de ter boas intenções ou não?

Wilhelm Kilman: A vida não se guia por teorias. Aprende-se com as experiências.

Karl Thomas: Que eles o tivessem colocado na parede!

Wilhelm Kilman: Ainda o sonhador irrequieto. Eu não levo a mal suas palavras. Queremos governar pela democracia. O que é pois a democracia? A vontade de todo o povo. Como ministro, não represento um partido, mas o Estado. Quando alguém assume a responsabilidade, caro amigo, vê as coisas de ângulos diferentes. O poder exige responsabilidade.

Karl Thomas: Poder! De que adianta você imaginar que detém o poder, quando o povo não tem nenhum? Eu andei por aí por cinco dias. O que mudou? Você se senta no andar de cima e organiza o engodo. Você não vê que perdeu a Ideia de revolução, e de que está governando contra o povo?

Wilhelm Kilman: Às vezes, é preciso coragem para governar contra o povo. Mais do que para ir às barricadas. (*O telefone toca.*)

Wilhelm Kilman: Me desculpe... Kilman... Decisão unânime, recusar horas extras... Obrigado, senhor Diretor... O folheto traz nomes? Então... Anote: quem sair da fábrica às cinco horas deve ser demitido sem aviso prévio... Pois bem, as fábricas vão fechar por alguns dias. Negocie com empresas privadas. A encomenda da Turquia deve ser realizada... Até logo, Senhor Diretor... (*Desliga. Telefona novamente.*) Chame a polícia... Arquivos Eva Berg... Rápido... Obrigado (*desliga.*)

Karl Thomas: Que coragem! Você domina os métodos.

Wilhelm Kilman: Quem trabalha no alto escalão deve se certificar de que a complexa máquina do governo não seja travada por mãos desastradas.

Karl Thomas: As mulheres não estão lutando pelas velhas ideias que você defendia?

Wilhelm Kilman: Posso admitir que as trabalhadoras de qualquer fábrica perturbem o mecanismo do Estado?

Karl Thomas: Sua autoridade sofreria danos?

Wilhelm Kilman: Devo fazer papel de idiota? Devo me mostrar menos capaz do que os ministros de outrora? Muitas vezes não é tão fácil... Falhe uma vez que seja, então... Há momentos... Você imagina que... Ah, o que vocês sabem?

Karl Thomas: O que sabemos nós? Que você ajuda os reacionários sentado ao volante.

Wilhelm Kilman: Absurdo. Em uma democracia, devo respeitar os direitos dos empregadores tanto quanto os direitos dos empregados. Simplesmente não temos ainda o Estado futuro.

Karl Thomas: Mas os outros têm a imprensa, dinheiro, armas. E os trabalhadores? Mãos vazias.

(continua)

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-234. (Obras Escolhidas, 1).

BIGEARD, Simone. *Ernst Toller: Facetten eines schriftstellerischen Werks zwischen den Weltkriegen*. Karlsruhe: KIT Scientific Publishing, 2017.

HERMAND, Jost. Hoppla, wir leben! In: HERMAND, Jost (Hg.). *Zu Ernst Toller – Drama und Engagement*. Stuttgart: Klett, 1981. p. 161-178.

JHERING, Herbert. “Hoppla, wir leben!” Piscator Bühne. In: JHERING, Herbert. *Theater in Aktion: Kritiken aus drei Jahrzehnten 1913-1933*. Berlin: Argon Verlag, 1987. p. 282-285.

KÄNDLER, Klaus. Zwischen Masse und Mensch – Ernst Toller von der „Wandlung“ bis „Hoppla, wir leben!“ und „Feuer aus den Kesseln!“. In: HERMAND, Jost (Hg.). *Zu Ernst Toller – Drama und Engagement*. Stuttgart: Klett, 1981. p. 87-115.

KESTIES, Bert; LEYDECKER, Karl; MÜHLBACH, Lydia; PILZ, Michael; REIMERS, Kirsten; SCHÖNFELD, Christiane; UNGER, Thorsten. Textgeschichte. In: TOLLER, Ernst. *Sämtliche Werke*: Kritische Ausgabe. Stücke II – 1926-1939. Bert Kasties et alii. (Hgs.). Göttingen: Wallstein Verlag, 2015. p. 657-680. Bd. 2.

KREITNER, Angelika. *Erwin Piscators Montagestil anhand seiner Inszenierung von ‚Hoppla, wir leben!‘*. München: Grin Verlag, 2005. Disponível em: <https://www.grin.com/document/88176>. Acesso em: 21 jan. 2022.

LEYDECKER, Karl. The Laughter of Karl Thomas: Madness and Politics in the First Version of Ernst Toller’s „Hoppla, wir leben!“. *The Modern Language Review*, [S. l.], v. 93, n. 1, p. 121-132, Jan. 1998. DOI: <https://doi.org/10.2307/3733628>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3733628>. Acesso em: 19 dez. 2021.

PISCATOR, Erwin. *Teatro político*. Tradução Aldo Della Nina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

RÖTZER, Hans Gerd. *Geschichte der deutschen Literatur*: Epochen, Autoren, Werke. Bamberg: C.C. Büchners Verlag, 2000.

SCHÜRER, Ernst. Nachwort. In: TOLLER, Ernst. *Hoppla, wir leben!* Stuttgart: Reclam, 2011. p. 116-151.

SIMÕES, Cibele Forjaz. *À luz da linguagem – iluminação cênica*: de instrumento da visibilidade à “Scriptura do Visível”. Orientador: Jacó Guinsburg. 2013. 384 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-18112013-155400/publico/CIBELEFORJAZSIMOES.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

TOLLER, Ernst. Hoppla, wir leben! Ein Vorspiel und fünf Akte. In: TOLLER, Ernst. *Sämtliche Werke*: Kritische Ausgabe. Stücke II – 1926-1939. Bert Kasties et alii. (Hgs.). Göttingen: Wallstein Verlag, 2015. p. 83-162. Bd. 2.

WILLIAMS, Raymond. O teatro como fórum político. *In.* WILLIAMS, Raymond. *Política do modernismo: contra os novos conformistas*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 75-92.